

*Política e/ES*

*A11999*

# Candidaturas estaduais

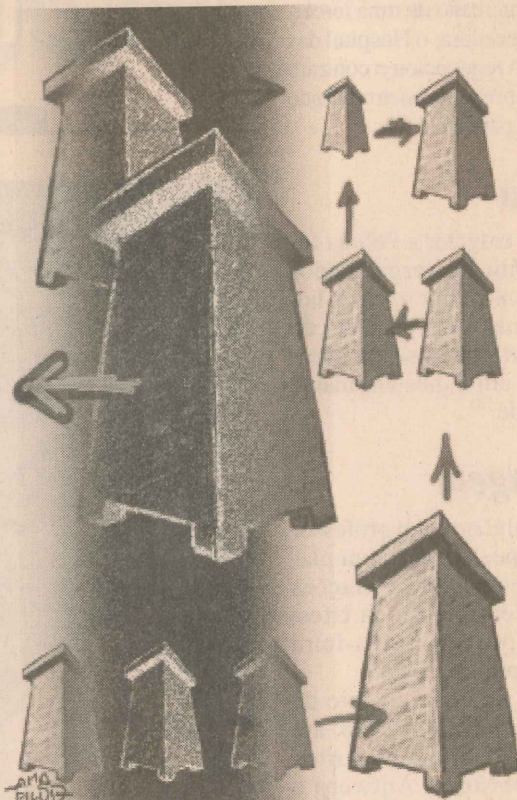
JOÃO GUALBERTO

A recente movimentação partidária com vistas à acomodação de projetos e personalidades, dentro das várias legendas existentes, deixou como saldo as candidaturas mais prováveis para o Governo do Estado no ano que vem. É bem verdade que, do ponto de vista das candidaturas ao Governo estadual, a articulação mais intensa ficou dentro do PSDB, onde se batem o senador José Ignácio e o ex-prefeito Paulo Hartung. Nos demais partidos, a situação esteve muito mais calma, o que não significa que neles também não haverá intensa disputa interna no momento das convenções do ano que vem.

De toda forma, existem algumas pré-candidaturas que já começam a disputar a preferência de alguns setores da opinião pública no Espírito Santo. No PSDB, temos as duas já citadas, Paulo Hartung e José Ignácio. No PMDB, desponha a do senador Gérson Camata, que até o presente momento afirma ser candidato. Como em outras ocasiões ele também afirmou sua candidatura e desistiu posteriormente, esta posição sempre gera dúvidas e expectativas. Na última pesquisa realizada pela Futura, sob encomenda da **Rede Gazeta**, no mês de julho, era de Camata a maioria das intenções de voto declaradas. Entretanto, esta dúvida sobre a sua candidatura gerou uma outra possibilidade interna, embora com chances eleitorais menores: a do ex-prefeito de Vila Velha, Vasco Alves.

Existem ainda outras possibilidades, que dependerão basicamente do quadro que se formará na disputa entre o PSDB e o PMDB. Caso o senador José Ignácio vença internamente Paulo Hartung e Gérson Camata realmente não seja candidato, poderemos repetir o confronto José Ignácio e Albuíno Azeredo. O governador Vitor Buaiz pode também tentar concorrer à reeleição, caso consiga melhorar seu desempenho. Entretanto, embora existam variações possíveis, as candidaturas que hoje são mais representativas junto à opinião pública são as de Gérson Camata, Paulo Hartung e José Ignácio, pelas razões já expostas. Embora isto possa mudar, é a posição deste momento.

É bom lembrar, no entanto, um detalhe que hoje pode parecer pouco relevante, mas que, certamente, terá um peso qualquer quando estivermos mais perto do evento eleitoral. As forças de oposição ao Governo Fernando Henrique estão tentando conseguir um candidato que seja capaz de uni-las, e, personalizando um pouco este processo, o ex-governador do Ceará, Ciro Gomes, está lutando para



## EXISTEM CANDIDATURAS QUE JÁ DISPUTAM A PREFERÊNCIA DE ALGUNS SETORES

ser um candidato com o discurso de oposição ao atual presidente. Discurso do tipo populista. Um novo populismo fortemente marcado pelos marcos da sociedade globalizada e dominada pela lógica do chamado neoliberalismo, mas ainda assim populismo. Uma proposta política fortemente marcada pelo personalismo musculoso tipicamente latino-americano, mas em dia com as propostas econômicas recomendadas pelo interesse internacional da sociedade globalizada.

Regionalmente, o discurso de oposição pessoal ao atual presidente pode ter muitos rebatimentos, dependendo das circunstâncias de cada Estado da Federação. Tanto isto é verdade que o presidente nacional do PPS, partido ao qual está hoje ligado Ciro Gomes, declarou recentemente que a sigla não pretende nacionalizar as eleições estaduais, querendo com isto di-

zer que, a despeito de ter um candidato nacional de oposição clara e contundente a Fernando Henrique, pode vir a construir ou apoiar candidaturas regionais alinhadas com o presidente candidato. Ou seja, o que vai marcar a posição partidária nos vários estados do candidato Ciro Gomes são os interesses particulares, e não um projeto nacional claramente definido. Isto deve significar, do ponto de vista ideológico, que o "caldeirão" do PPS comportará elementos os mais díspares, o que é, aliás, uma das bases sociológicas do populismo, basta ver o que é o PDT como partido e como coerência nos vários estados onde atua. No caso objetivo do PDT, ele tem uma cara em cada região, podendo estas caras, em várias situações, serem completamente diferentes.

Estou querendo, com estes argumentos, levantar a possibilidade de Ciro Gomes e o seu PPS terem rebatimentos regionais de suas campanhas de vários formatos. Acredito que haverá candidaturas aos Governos estaduais tanto à esquerda quanto à direita, que virão na carona do prestígio de uma campanha nacional, se ela tiver uma boa passagem na opinião pública. Não parece ser este um problema para nenhum dos dois, partido ou candidato. Ciro tem, inclusive, dito que não é nem socialista e nem de esquerda. O espaço simbólico que busca ocupar é aquele que não tem delimitação ideológica bem definida, creio que justamente para buscar apoios fora da definição ideológica clássica.

O elemento novo que este quadro traz para as questões estaduais é que, caso exista uma boa performance de uma candidatura do formato da de Ciro Gomes – e não existe nada que impeça isto de acontecer –, ocorrerão alinhamentos estaduais de oportunidade, sem uma definição programática clara. Neste caso, nenhum dos fortes candidatos no Espírito Santo, hoje colocados, poderá fazer alianças com o PPS, visto serem eles homens fortemente ligados a Fernando Henrique. Neste caso, todo o movimento que hoje estamos vendo diz respeito apenas ao quadro daqueles que estão com FHC – Camata, Paulo Hartung e José Ignácio –, excluindo as oposições que podem e que estarão representadas no processo eleitoral. Como elas de fato existirão, vemos que ainda temos muitos elementos que sequer estão colocados para a eleição do ano que vem, e é ainda muito cedo para prevermos claramente o quadro da competição eleitoral que virá.